

Marcas

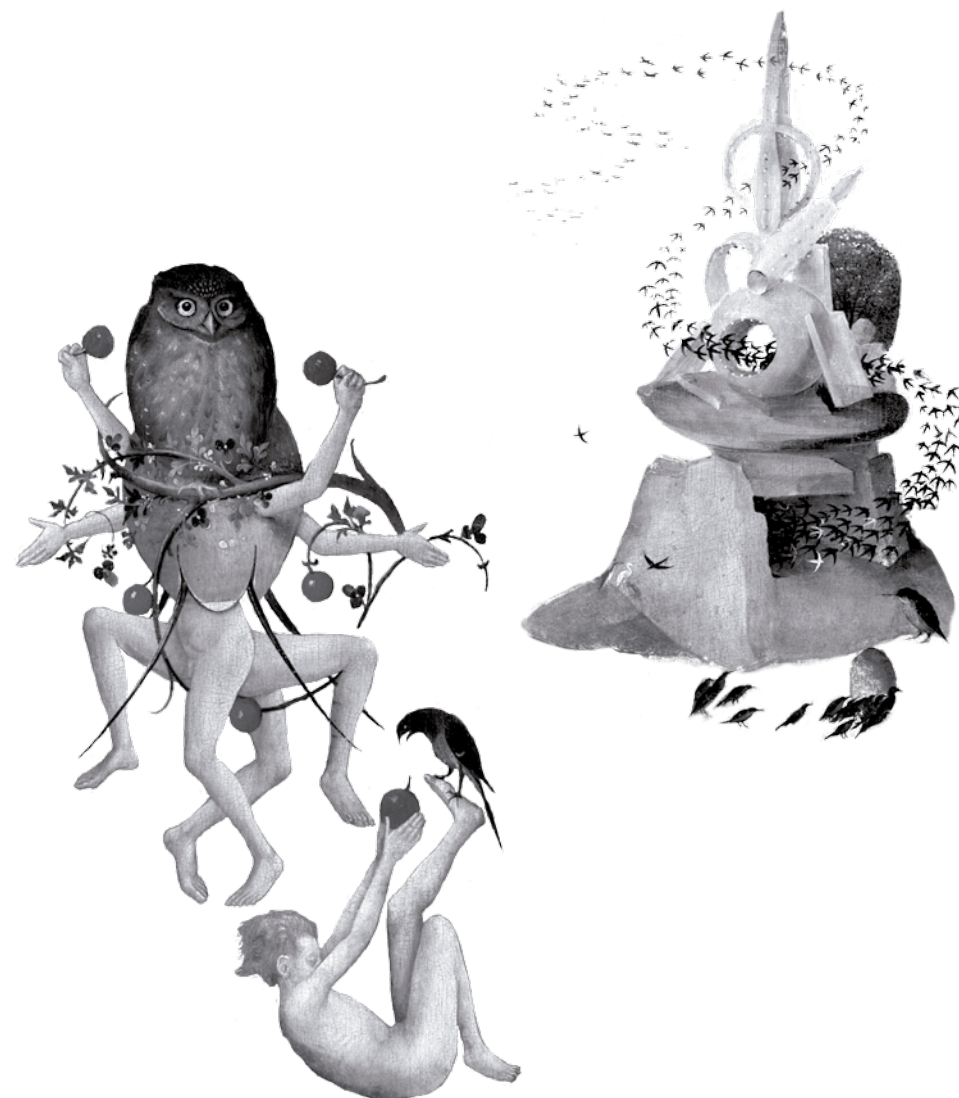
O tema da revista que o leitor agora tem em mãos surgiu em uma situação especial. Foi um momento único em que todos os editores e quase todos os colaboradores de *Calibán*, RLP encontraram-se no Congresso de Cartagena em setembro de 2016, face a face. Este encontro aconteceu por iniciativa de cada um dos presentes que, sustentados por seus próprios desejos, procuravam conhecer-se pessoalmente. Após anos de contatos por e-mail, raros encontros por skype, estavam todos ali presentes, podemos dizer com veemência, de “corpo e alma”, o mesmo “corpo-alma” com que se mantinham fazendo *Calibán*.

A necessidade de dar rosto e voz a um colega, a uma pessoa com quem nos correspondíamos por e-mail há já alguns anos, se estampava na alegria e surpresa dos encontros. O rosto é o que nos dá uma identidade, uma história que se inscreve na expressão do olhar, na marca do sorriso. Foram momentos de júbilo, podemos dizer, usando a lacaniana ideia de estágio do espelho. Era como se uma equipe fragmentada, um corpo editorial desmembrado por vários países, de repente, se percebesse como um corpo integrado, composto por partes que se uniam e desta forma ganhavam uma identidade.

E neste encontro, bendito, no qual nos reconhecemos como grupo e indivíduos, o tema que escolhemos trabalhar foi Mal.

Talvez porque, ainda que encantados por este encontro, não conseguíamos escapar dos difíceis momentos que sempre vivemos em nossa precária civilização, na qual o poder destrutivo do homem em relação à natureza e aos seus semelhantes expõe “nossa vida instintiva em toda a sua nudez, libertou os maus espíritos que existem em nós, os que julgávamos domados para sempre, por séculos de educação através das mentes mais nobres:”, como escrevia Freud há 100 anos, em 1916, em seu poético texto “*A Transitoriedade*” (2010/1916, p. 251).

Calibán, personagem de Shakespeare em *A Tempestade*, era o nativo da ilha que não conseguia aprender o idioma do colonizador, não se submetia ao poder civilizatório do Outro. Deste nativo, temos na América Latina uma longa linhagem e é a partir destes, que não aprenderam a língua do colonizador, que me embrenho no tema Mal.



Os artistas trazem à tona sentimentos que nos permitem caminhar por novas estradas, e foi num destes caminhos, no Instituto Inhotim, que tive contato com “Marcados para viver, marcados para morrer”, obra da fotógrafa Claudia Andujar, que na quase totalidade de seus trabalhos escolheu como personagens os índios Yanomami, tribo que não nomeia seus membros. A série “Marcados” (2009) começa a surgir nos anos 1970, em uma expedição da fotógrafa com dois médicos para vacinar e tratar destes índios que em seu contato com os brancos haviam sido fortemente marcados pela morte ao se contaminarem com várias doenças. A Claudia cabia fotografar os índios vacinados, o que fez em fotos nas quais os identificava com um número colocado em seu peito. A artista transforma as fotografias em retratos ao dar-lhes um tratamento diferente do usualmente dado a fotos para identidades. Os Yanomami, assim, adquirem uma face expressiva: um rosto. Tornam-se protagonistas. O aspecto ambíguo destas marcas transforma o que seria só um número, em um indivíduo. Este trabalho era uma maneira de questionar o método de rotular seres para diversos

fins sem dar-lhes identidade, e também uma forma de transformar o que teria sido um simples registro em “gente marcada para viver”. A marca colocada no peito “se refere a um terreno sensível, ambíguo, que pode suscitar constrangimento e dor” (Andujar, 2009, p. 5), a dor que Claudia viveu ao ver marcados com uma estrela de Davi no peito, seu pai, sua família paterna e, Gyuri, seu primeiro amor; marcados depois por um número tatuado no braço nos campos de concentração, nos quais todos eles morreram. No campo, um número os “identificava”, pois ali chegando, passavam a ser seres sem nome, sem face. A marca que em sua juventude era dirigida à morte, era agora posta em cena pela artista para salvar a vida dos Yanomami.

Na clínica, no divã, os retratos se fazem singulares, criados pelas falas do analisando e pela escuta do analista, no encontro de duas histórias, em seus necessários desencontros e diferenças.

Assim, encrava-se nesta dualidade o ambíguo do humano, um terreno pantanoso em que humano e inumano se tocam em um tênue roçar, como escreve um dos autores da sessão **Argumentos**, “dualidade indissolúvel, (...) duas faces do mesmo que compartilham uma borda como a fita de Moebius, de uma dobradura de Um que está em cada um.” (Campalans)

Que em nome do Bem, muito Mal se pratica é frase feita, que, no entanto, ganha cores fortes quando dita em primeira pessoa como faz Marcelo Vinãr a partir de sua própria vivência, e nos aproxima dos sentimentos que povoam a alma do homem no exílio de sua pátria. Como superar a “experiência de ser destituído ou expulso da condição de ser humano”, situação que “provoca um colapso identitário catastrófico (...) que procede da ação “racional” e intencional, planejada e organizada por outros homens.”

Destes outros homens, nos mostra Patrick Merot, faz parte Céline, que por meio da palavra, traduz com contundência seu ódio ao outro. Merot quebra o que chama de insuportável silêncio sobre os textos antisemitas de Céline, e busca seguir o movimento pulsional que levaria Céline, de forma “genial e particular em seus grandes romances (...) só ter sabido falar dessa natureza humana odienta. Foi com ela que ele inventou um estilo, um tratamento da língua cheio de ódio, e sem dúvida cheio de amor pelo ódio: a língua atacada, transformada, fragmentada, destruída e reinventada.”

Também sobre o uso da palavra e todo o poder que ela porta, Laura Palácios, nos leva pela mão em um longo passeio que explicita o mal que se destila de algo aparentemente banal do nosso cotidiano: a fofoca. “E o prazer da fofoca é corroer a dignidade do segredo. Falar por suas costas, desonrá-lo (...). E, acima de tudo, divulgar e divulgar... espalhar o tesouro.”

O que seria o “tesouro”? Talvez pudéssemos pensar que o tesouro é a privacidade, o velado e íntimo que nos constitui indivíduos, que nos dá, como dissemos acima, um rosto, uma existência.

A existência do humano não aparece somente enquanto há vida, mas também na morte, a partir do símbolo das sepulturas. É da falta desta situação fundamental na preservação do humano que Wintebert escreve, aproximando um dos símbolos da resistência às ditaduras sangrentas que vivemos na América Latina, a Mães da Praça de Maio, de Antígona de Sófocles, aquela que desejava, necessitava dar sepultura aos seus mortos para assim humanizá-los e humanizar-se.

De algo semelhante trata Magda Khouri, ao tomar o trabalho de Berta Reale, artista visual e perita criminal que vive no Pará, e que trabalha com outro tipo de desaparecidos, estes dos quais não há quem exija os corpos, excluídos que estão desde sempre da comunidade na qual, se é que se pode assim dizer, nasceram, viveram e morreram.

Calibán se faz de textos, de tecidos diversos. Escritas que denotam vozes com diferentes sonoridades. Seguimos estes sons em **Vórtice**, sessão na qual, na diversidade de cada olhar, psicanalistas propõem muitas formas de pensar questões com que nos deparamos a cada momento em nosso trabalho. Jorge Kantor, que assume agora um espaço como editor desta sessão, nos leva a Thanatos na sala de análise. Em textos que abordam as múltiplas facetas, tanto do analista quanto do analisando, habitadas pelos mutantes aspectos da pulsão de vida/pulsão de morte, os autores apontam para sutilezas, escapes, que adentram o terreno das sessões de maneira às vezes pouco perceptível, mas que podem conduzir uma análise por caminhos indesejados.

Caminhamos também por espaços desejados e aportamos, acompanhando Juan Dittborn Santa Cruz, psicanalista de Santiago do Chile, a esta cidade encravada na Cordilheira dos Andes. Junto à beleza de suas paisagens e de inspirados poetas, o autor do texto nos leva a visitar sua história, envolta, em alguns momentos, em tristes maldades.

Seguimos ainda guiados por artistas, filósofos, estudiosos de outros saberes que nos ensinam e nos permitem, a partir de seus textos, observar por outros ângulos este humano, demasiado humano, que Regina Reiss e Gabriela Levy, editoras da sessão **Dossiê**, nos abrem.

O **Dossiê** deste número nos fala do diabo que não existe, mas que mora no centro de cada um de nós, tema que a literatura explora, e de maneira poética nos faz ver e sentir, por meio do texto de José G. Ghirardi. Também, o Bem e o Mal habitam os mesmos corpos e espaços como nota o antropólogo francês Galinier ao estudar a cultura dos Otomis, na qual, apesar de tentativas de deixar nítidos os limites e a separação, as imbricações inevitáveis bem/mal insistem em se tornar visíveis.

Como visível e audível aparece o Mal no texto do jovem André Goldfeder ao tratar da voz do morto na obra do artista paulista Nuno Ramos. Num triste e vergonhoso episódio ocorrido numa penitenciária em São Paulo, 111 detentos, acudados, foram abatidos pela polícia militar. Sem nome, sem direitos, sem voz. Voz que lhes é restituída pelo artista plástico e da qual ouvimos os ecos no texto de Diana Sperling, que ao tomar de Walter Benjamim a ideia de história, escreve que nada se apaga na história e até o mais insignificante ser é parte do “tecido temporal e humano.” Neste tecido sem hierarquias, “a história se escreve com restos, mais do que com monumentos.”

Em **Textual**, é também um jovem artista plástico que Mariano Horenstein, editor da sessão, entrevista. Argentino de Rosário, muito jovem já alcançou pontos altos com sua arte, inclusive literalmente, ao expor no teto do Metropolitan Museum em Nova York uma obra que ilustra com uma figura comovente a capa deste número de *Calibán*. Adrián Villar Rojas é um artista sempre em movimento, em busca da diversidade e singularidades de cada lugar que visita, em um humano compromisso com as pessoas que “vivem, trabalham, pensam e sentem nesse espaço a que a errância me leva”. Trabalha restos, escombros, materiais descartados, frágeis e quebradiços como argila, gesso.

Matéria com outra textura, mas semelhante, é aquela com que trabalhamos em análise: a palavra. Em restos, escombros de memórias e vidas, a cada momento construídas e fragmentadas para serem novamente reescritas, com novos detalhes, pequenas nuances. E sempre com algo a mais por dizer. Desejo!

Desejo que, expresso nas artes, nos seduz. Mariano Horenstein, com olhar aguçado, escolhe os artistas que ilustram esta revista. Assim, em sua linguagem estética, *Calibán* é também um objeto de desejo. Desejo que salta da capa interna da revista, onde “O jardim das delícias” de Hieronymus Bosch divide em três tempos o espaço do humano. Paraíso em seu início, Inferno como seu fim. Entre os dois



momentos, a vida, os prazeres. O excesso? Para os gregos, hybris, o Mal. Qual a justa medida? Como separar o prazer da dor?

Entre a vida e a morte, entre o novo e o mais antigo uma corda tênue se atravessa e a interpenetração se faz em um eterno jogo, jogo este que acontece a partir deste número em *Calibán*. Ainda que possa haver uma continuidade do trabalho que, como equipe, vimos fazendo há 6 anos para construir esta revista, alguns deslocamentos se fizeram.

Ao assumir agora a função de coordenar este grupo de colegas e colaboradores, busco na equipe editorial apoio para que juntas possamos manter o ritmo e o entusiasmo de fazer *Calibán*. Cecília Rodriguez de Guadalajara, já pertencente ao grupo, é agora editora junto a Andrea Escobar de Bogotá, assim como Carolina Garcia de Montevideú e Laura Katz de Buenos Aires que passaram a integrar a equipe ao lado de Lucia Palazzo, do Rio de Janeiro. Todas tecemos esta tela que é *Calibán*.

Em sua despedida como editor chefe, Mariano Horenstein se reportou a uma corrida de revezamento na qual a passagem do bastão ao sucessor da corrida, se dava de maneira confiante, sem perder o ritmo. Tocadas por esta confiança, seguimos. Muitas coisas se interpõem no caminho, males que vem para bem e bens que se mostram ilusórios, mas a capacidade humana para o simbólico nos anima. Na

antiguidade, nas corridas de revezamento, o que se passava de um corredor para o seguinte era uma tocha acesa que o novo portador deveria manter com a mesma chama com que a havia recebido de seu antecessor. Que chama é essa que nos anima à continuidade?

Que chama é essa que anima o humano a ir adiante mesmo, como já se disse, depois de Auschwitz? Escrever um poema depois de Auschwitz é bárbaro. Mas poemas continuam sendo escritos.

Não é uma resposta o que buscamos, mas algo a iluminar uma reflexão. Será, como Freud escreveu em carta a Einstein em *Por que a guerra?* (2010a/1932), que há algo orgânico que nos faz desejar a paz, mesmo que não saibamos, muitas vezes, construí-la? Diz ainda Freud “tudo que produz laços emocionais entre as pessoas tem efeito contrario à guerra.” (p. 430) Será?

Assim como me comovi com Claudia Andujar, que perde parte da família e da adolescência em meio à guerra, mas é capaz de transformar um instrumento que fora mortífero em ferramenta para a vida, também me surpreendi e me comovi, em uma visita ao Museu do Holocausto em Lyon. Percebo ali exposto, em meio a vários objetos resgatados dos escombros dos campos de concentração, cartas de baralho feitas em um papelão rude nas quais os números e símbolos foram cuidadosamente desenhados. Me pego pensando que uso faria seu “dono” destas cartas. Em que momento, nas tenebrosas noites, nos barracões saturados de pessoas tão próximas da morte, um homem, ou uma mulher, jogaria com este baralho? Qual jogo? Jogaria paciência, silente e solitariamente? Ou, quem sabe, convidaria para um jogo de cartas um companheiro? Passariam ambos o tempo de uma noite insone, já que ainda havia vida, e eram dois.

Ao leitor, entregamos nosso 11º número de *Calibán*, RLP. Esperamos que o leia e, assim, possamos continuar o jogo.

Raya Angel Zonana
Editora chefe - *Calibán* - RLP

Referências

Andujar, C. (2009). *Marcados*. - São Paulo: Cosac Naify.

Freud, S. (2010). A Transitoriedade. In *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 12, pp. 247-252). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1916).

Freud, S. (2010a). Por que a guerra?. In *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. 18, pp. 417-435). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1932).

